

# **Lógica do Mercado e Lógica Cultural no Capitalismo Contemporâneo<sup>1</sup>**

## **Resumo**

O objetivo do artigo é explorar a relação dialética entre a lógica do mercado e a lógica cultural no capitalismo contemporâneo. O ponto a identificar na ordem simbólica são as expressões políticas, artísticas, comportamentais, psíquicas, ou expressões culturais – tratada a cultura em seu sentido mais amplo, e que, ao fim e ao termo, reproduzem e reforçam a ordem do mercado capitalista e sua lógica. Se o capitalismo tem seus fundamentos definidos pela propriedade privada, pela concorrência, pelo individualismo é mister analisar os valores dele decorrentes no atual padrão globalizado da ordem capitalista. À descrença na construção de uma ordem alternativa desencadeada pela crise da utopia socialista em fins do século passado, se soma o conformismo ditado pela ideia que só o mercado capitalista é capaz de produzir riqueza e felicidade, ou em uma palavra do ideário neoliberal: a única solução possível para as sociedades contemporâneas. Entendemos que, apesar de avanços democráticos, reformas e resistências culturais, o mercado capitalista e sua lógica seguem invadindo espaços geográficos, sociais e os terrenos mais recônditos da subjetividade humana, com consequências desastrosas. É deste fenômeno que trata o texto.

## **Palavras- chave**

Lógica do Mercado Capitalista e Lógica Cultural. Economia e Cultura. Capitalismo Contemporâneo, Mercado e Cultura.

---

O objetivo do artigo é explorar a relação dialética entre a lógica do mercado e a lógica cultural no capitalismo contemporâneo. O ponto a identificar na ordem simbólica são as expressões políticas, artísticas, comportamentais e psíquicas, ou expressões culturais, - tratada a cultura em seu sentido mais amplo, e que, ao fim e ao termo, reproduzem e reforçam a ordem do mercado capitalista e sua lógica. Se o capitalismo tem seus fundamentos definidos pela propriedade privada, pela concorrência, pelo individualismo, é mister analisar os valores dele decorrentes no atual padrão globalizado da ordem capitalista. À descrença na construção de uma ordem alternativa desencadeada pela crise da utopia socialista em fins do século passado, se soma o conformismo ditado pela ideia que só o mercado capitalista é capaz de produzir riqueza e felicidade, ou em uma palavra do ideário neoliberal: a única solução possível para as sociedades contemporâneas. Entendemos que, apesar de avanços democráticos, reformas e resistências culturais, o mercado capitalista e sua lógica seguem invadindo espaços geográficos, sociais e os terrenos mais recônditos da subjetividade humana, com consequências desastrosas. É interessante notar a contradição entre a leveza do discurso da pós-modernidade que nega a meta narrativa e torna descrentes as utopias, e o estímulo e a submissão a uma lógica que avança sobre a cultura e os valores e transforma o mercado em o grande sujeito e o fim da história. É deste fenômeno que trata o texto.

### ***1. Interdisciplinaridade: metodologia e história da questão***

Para tratarmos nosso objeto, necessitamos que a interdisciplinaridade entre a economia (base econômica) e a cultura (superestrutura cultural) integre e articule os discursos da sociologia, da psicologia, da política, da filosofia ao da economia.

A ascensão do nazismo e os descaminhos stalinistas da revolução russa -questões consideradas como das mais pungentes do século XX- suscitaram novas respostas para superar a explicação determinística e mecanicista da relação da base com a superestrutura do marxismo ortodoxo. A criação, em 1933, do Instituto de Pesquisas Sociais (o *Institut*), mais tarde conhecido como “Escola de Frankfurt” foi uma das respostas ao desafio de compreender dialeticamente a relação da economia com a superestrutura cultural da sociedade, lançando novas luzes sobre esta última (JAY, 2008).

Adorno, Horkheimer, Fromm, Marcuse e Benjamim, os primeiros cinco membros do *Institut*, desenvolveram uma teoria intitulada: Teoria Crítica, cujo caráter aberto, investigativo e inacabado expressava uma crítica às teorias abstratas, verdades totais e estabelecidas. Horkheimer, seu segundo diretor, afirmava que o verdadeiro objetivo do marxismo não era desvendar verdades imutáveis, mas fomentar a mudança social. E que o verdadeiro materialismo era dialético, envolvendo um processo contínuo de interação sujeito e objeto. Para ele, o verdadeiro perigo estava não naqueles que exageravam a subjetividade e a individualidade, mas sim naqueles que as reduziam a uma falsa totalidade. A partir dessas premissas, eles construíram a ideia de que todos os fenômenos culturais eram mediados pela totalidade, e não apenas reflexos de interesses de classe. Seus estudos críticos sobre as artes e a cultura de massa levaram, em particular, Benjamim (BENJAMIN, 2002, [1936]) para os estudos da reprodutibilidade de bens, e Adorno e Horkheimer (ADORNO & HORKHEIMER, 1984 [1940]) para a concepção da “indústria cultural”, marco para o entendimento contemporâneo da reprodução de valores. Estes estudos tinham como base uma rigorosa crítica à lógica formal e ao positivismo como filosofia e método,<sup>2</sup> além de uma crítica radical à racionalidade instrumental e à sua reprodução nas subjetividades e nos comportamentos. Isto levou-os à tentativa de integrar o marxismo com a psicanálise, iniciada por Fromm, além de vários estudos sobre totalitarismo (tema que fez ponte com os estudos de Hannah Arendt).

Entendemos que o atual desafio para o pensamento crítico segue sendo o aprofundamento da interlocução entre as áreas sociais e humanas. Para nós, não se trata de ignorar a luta de classes e a contradição básica entre capital e trabalho, mas estimular análises sobre ideologia e reprodução dos valores para além desse conflito. Muitas das análises enriquecedoras neste tema vem hoje de marxistas atentos, como Fredric Jameson, Terry Eagleton, Perry Anderson, David Harvey e Slavov Žižek, entre outros, que se esforçam por elucidar a cultura e sua relação com a economia não repetindo fórmulas simplificadoras e mecanicistas que nada acrescentam ao desafio de compreensão da complexidade do mundo atual. No plano filosófico e político, enfrenta-se uma lógica que se estende à cultura (arte) e uma cultura que se torna mercantil. Nas palavras de Fredric Jameson: *a teoria marxista precisa fornecer interpretações para a ideologia e luta de classes, para a cultura e a operação das superestruturas na escala*

*mais vasta da globalização contemporânea, com termos necessariamente novos, dadas as novidades do ampliado mercado mundial capitalista (JAMENSON,2006).*

Inspirados nesta exigência, ensaiamos alguns passos para identificar, reunir e extrair um sentido que nos permita unir os vários aspectos de uma lógica do mercado que avança em múltiplos terrenos. São análises críticas que partem de teóricos dos mais variados domínios das ciências sociais e humanas e que nos fornecem elementos para esboçarmos a complexidade de nossas sociedades, unindo economia, filosofia e cultura. Começamos pela economia, através da lógica do mercado.

## ***2.Lógica do Mercado: forma científica e ideológica***

A lógica do mercado capitalista é uma das formas científicas (e também ideológicas) de ler, descrever e legitimar o fenômeno do capitalismo. Trata-se de uma teoria que entende o mercado como explicação da ordem social<sup>3</sup>, ou como uma teoria da sociedade, oposta à concepção crítica da economia política marxista, que parte da produção e do valor para compreender a raiz da exploração e da mais-valia. Esta concepção do mercado como ordem social aparece originariamente na história do pensamento econômico e na história das ideias sociais, no século XVIII, através da solução de Adam Smith<sup>4</sup> frente aos filósofos do contrato, avança analiticamente um século após na tentativa de demonstração lógico-matemática da Teoria do Equilíbrio Geral em Walras,<sup>5</sup> para se cristalizar no século XX na teoria de Hayek em que a história realizaria o auto desenvolvimento da ordem do mercado.

O século XX tem em Hayek uma das expressões mais importantes do neoliberalismo. Sua (teoria) lógica do mercado parte da ideia que os indivíduos num processo de experimentação escolhem, entre erros e acertos, e *à la Popper*, as regras da concorrência, elemento importante de coesão da ordem espontânea do mercado. Hayek traduz aos seus próprios termos a ordem natural smithiana, ao mesmo tempo em que critica a ordem racional enrijecida dos complexos modelos matemáticos neoclássicos, cujo objetivo é demonstrar a superioridade do mercado. Sua teoria da evolução cultural

---

3

4

5

analisa a evolução das sociedades até às sociedades complexas (*great societies*) como um processo de auto-desenvolvimento do mercado (HAYEK, 1983 [1937]). Não à toa esta teoria se cristalizou na apologia e na retórica dos ultraliberais na defesa do mercado como a única forma de organização para as sociedades contemporâneas. A análise hayekiana do mercado reforça a ideia do mercado como fim da história - debate dos idos dos noventa do século XX, que se inscreve no contexto do discurso da direita (diferentemente do debate sobre o fim da arte, da política e da filosofia, oriundos da esquerda), e que corresponde no tempo e no espaço ao avanço geográfico/ espacial do capitalismo no mundo.<sup>6</sup>

Mas o que nos interessa particularmente é que a este avanço geográfico se soma a invasão em todos os domínios sociais e psíquicos da sociedade transformando as relações sociais em relações mercantis, deteriorando a política, os laços sociais, os valores, as subjetividades (psiquismo) e as artes. Mas antes de identificarmos estas expressões, um elo indispensável e eficaz dissemina e reforça os valores que alimentam a ordem e o *status quo*. Trata-se da Indústria Cultural, assunto que veremos a seguir.

### ***3. Lógica do mercado e Lógica cultural: a Indústria Cultural como elo indispensável***

A Indústria Cultural funciona como agente disseminador de valores e torna mais complexa e sofisticada a questão da ideologia no capitalismo contemporâneo pois atinge indiscriminadamente uma massa de telespectadores, cinéfilos, leitores de jornais e ouvintes de rádio.

A Indústria Cultural, assim nomeada por Adorno, é um sistema que envolve cinema, tevê, rádio, revistas e jornais e que produz, explora e comercializa bens culturais próprios das técnicas de reprodução em série e da homogeneização (BENJAMIN, 2012). Embora Adorno & Horkheimer tenham se concentrado no cinema, entendemos que é possível estender alguns aspectos desta análise para o restante do sistema, revisitando-o, atualizando-a, sem perder sua essência filosófica. A lógica que se impõe é a de que o espectador não deve ter nenhum pensamento próprio nem possibilidade de divagação, de sonho, ou de aprofundamento crítico de suas humanidades, posto que toda ligação que

---

<sup>6</sup> Do ponto de vista filosófico se explorou à exaustão o fim das grandes narrativas. Fukuyama identifica o colapso do comunismo via uma perestroika agonizante, a queda do Muro em 1989 e a destruição do socialismo e do fascismo como os fatores inspiradores da ideia de que o capitalismo, o mercado e a democracia burguesa se constituíram no coroamento da história da humanidade ou, em outras palavras, no fim da história (ANDERSON, 1992)

pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Aliás, ele nada pode acrescentar ao que lhe tenha sido antecipado. Trata-se de um pacote pronto, cuja expressão máxima são os filmes e seriados do *mainstream* hollywoodiano.<sup>7</sup> O roteiro é dado por clichês, ditado por princípio, meio e fim, e, a performance e o detalhe técnico tomam lugar da ideia adestrando um sujeito esvaziado de sua capacidade de pensar e julgar. Os autores destacam ainda que, ao adentrar no espaço do lazer, a violência da sociedade industrial instala-se nos homens uma vez por todas.<sup>8</sup>

A diversão (*entertainment*) é procurada por quem quer se aliviar do processo de trabalho. É o “divertir-se” ou “o não ter que pensar nisto”, ou o esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A questão para os autores é que o sentido maior desta diversão seria colocar os sujeitos (os trabalhadores) de novo em condições de enfrentar o trabalho. Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural como diversão é distinta da arte e favorece a resignação e o conformismo. A arte forneceria a substância trágica ou trágico-cômica que a diversão não pode por si só trazer. Além disso, esta estética ao retirar o destino trágico, o transforma em punição justa. O cinema torna-se efetivamente em uma instituição de aperfeiçoamento moral afirmam os autores.

Para eles, indústria cultural não é arte, e sim publicidade, e faz parte do processo de desmitologização da palavra em que os juízos de valor são percebidos como publicidades. Trata-se de um processo linguístico/cultural que significa, como afirmam os autores, que “*quanto mais as palavras se convertem em veículos destituídos de sentido, e mais pureza e transparência transmitam, mais impenetráveis se tornam. A palavra serve apenas para designar, e fixada à coisa torna-se uma fórmula petrificada.*” Além disso, a indústria cultural propaga uma liberdade que não existe: a falsa liberdade para escolher sempre a mesma coisa. E acrescentam que, “mesmo quando o público se rebela contra ela (a indústria cultural), essa rebelião é o resultado lógico do desamparo para o qual ela própria o educou” (ADORNO & HORKHEIMER, 1984, [1940]).

---

<sup>7</sup> Ver a propósito, Frédéric Martel em “*Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas*”, em que o autor traça um panorama descritivo da nova geopolítica cultural e das mídias neste mundo globalizado costurado pela lógica do mercado (MARTEL, 2012)

<sup>8</sup> Ver a propósito, Slavoj Žižek em *A visão em paralaxe*, em que o autor estabelece pontes entre Marx e Lacan e destaca a violência do capitalismo na invasão do sonho dos indivíduos. (ŽIŽEK, 2006)

À destituição da capacidade de pensar e julgar do sujeito pela indústria cultural, Arendt acrescentou a ação (ou a falta dela) na política. É o que veremos a seguir.

#### ***4. Lógica do Mercado na Política, na Sociedade, nas Subjetividades e nas Artes***

##### ***4.1. A Política, seu esquecimento ou seu aniquilamento.***

Para identificarmos na Política as consequências desastrosas da lógica do mercado retomamos Hannah Arendt, uma das principais filósofas políticas do século XX. Sua obra abrange uma vasta gama de questões que tem como elemento propulsor a crítica ao totalitarismo em todas as suas nuances e formas. No que diz respeito ao nazismo, Arendt formula a seguinte questão: que leis da psicologia de massas explicam porque milhões de seres humanos se deixam levar sem resistência as câmaras de gás? E ela mesma responde a partir de um eixo teórico inegociável, ponto de partida metodológico para sua reflexão: o totalitarismo tem como meta determinada destruir o indivíduo e a sua espontaneidade. Destruir, portanto, a individualidade, ou assassiná-la, para ser fiel aos seus próprios termos, significa atingir o seu âmago: destruir a espontaneidade ou o poder do homem de começar qualquer coisa de novo a partir de seus próprios recursos. Os que aspiram à dominação total devem, portanto, liquidar implacavelmente a espontaneidade. A individualidade é intolerável e o poder total só pode ser preservado num mundo de reflexos condicionados de cachorros pavlovianos, de marionetes que não apresentam a menor suspeita de espontaneidade. (Arendt, 1972, 265)

O âmago da teoria e da crítica ao totalitarismo é a identificação de que os homens que vivem sob o seu jugo tem um **pensar** que não compreende, uma incapacidade de **julgar** e um **agir** que se dá mecanicamente. A ação, nos diz Arendt, supõe a urgência do pensamento sobre o agir e ela é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria. Na verdade, ela corresponde à condição humana de pluralidade e, como expressão inequívoca da individualidade, carrega consigo a fonte do significado da vida humana. Embora as ações fugazes e perecíveis da vida política nunca cumpram a sua intuição original e desencadeiem alguma coisa que não pode ser prevista, Arendt, em *A Condição Humana* afirma com contundência que: “...a única forma capaz de realizar feitos não é nem a capacidade teórica, nem a razão, mas a faculdade humana de agir, de iniciar processos novos e sem precedentes, cujo resultado é incerto e imprevisível, quer sejam desencadeados na esfera humana ou no reino da natureza” (ARENDT, 1987, 243).

No entanto, Arendt preocupada e implicada com a democracia atinge com sua crítica o mercado, através do consumismo (que pode acarretar o despotismo de uma sociedade de massas), o elemento vital de sua forma de reprodução. Ela defende o modelo político da *polis* grega em que a ação política é a peça chave da liberdade individual e, sendo restrita aos cidadãos, estaria, portanto, preservada de qualquer manipulação. Arendt lamenta que na sociedade de massas, no esforço de promover uma uniformização do comportamento consumista, se orienta em direção ao conformismo, negando a pluralidade da discussão.

Em ‘A Crise da Cultura’ Arendt nos alerta para: “...os traços da psicologia coletiva do homem de massa: seu abandono - abandono que não é nem isolamento, nem solidão – independente de sua faculdade de adaptação; sua excitação e sua falta de critérios; sua atitude voltada para o consumismo acompanhada de uma incapacidade de julgar ou mesmo de distinguir, e por trás de tudo isto, seu egocentrismo e uma alienação do mundo.....” (ARENDT, 1972, 255). Esta crise da cultura própria da sociedade de massa, que maltrata a individualidade no sentido de produzir abandono, isolamento, solidão e consumismo, produz o que ela considera o mais grave para a humanidade: a alienação expressa na sua incapacidade de julgar e de discernir ficando o homem suscetível à manipulação.

Sua crítica ao consumismo caracterizada pelo desinvestimento cultural é, sem dúvida alguma, uma crítica à lógica do mercado. São inúmeros os autores que recorrem a Arendt, como referência teórica crítica, identificados com a sua análise acerca da sociedade que hoje vivemos, desprovida de valores éticos humanistas e marcada pela moral do entretenimento e pelo consumismo<sup>9</sup>. A sociedade de massas dessa *great society* leva, segundo a autora, à anulação da cultura dando lugar à banalização do entretenimento e ao conformismo, o que para Hannah Arendt, é o elemento central que pode levar à destruição da humanidade.<sup>10</sup> A política neste sentido, como a capacidade de irromper algo novo, ligada a uma capacidade de pensar e de julgar e de comprometer o cidadão com a

---

<sup>9</sup> Consultar Jurandir Freire Costa que toma por base Arendt para tecer uma crítica ao consumismo e a moral do espetáculo em *O Vestígio e a Aura*, Garamond, 2004, além de Dany-Robert Dufour em *A arte de reduzir as cabeças; sobre a nova servidão na sociedade ultra liberal*, Companhia de Freud, 2005 e Gilles Lipovest: *O Império do Efêmero*, Companhia das Letras, 2004.

<sup>10</sup> Outras consequências do conceito do privado e dos negócios imperando sobre o coletivo é a privatização do espaço público e a promiscuidade, a falta de cuidado e de respeito com o que é público. Uma outra extrapolação bem atual da sociedade imagética e do vazio pela falta de uma realização política é a saturação do espaço público com discursos privados, bem próprio das redes sociais. (Novaes, 2007)



*polis*, estaria em declínio. Para muitos autores, a era desse capital globalizado é a do esquecimento da política que se dá pela privatização da vida, o elogio ao individualismo e a dissolução do coletivo. Nada mais perigoso para democracia do que o refúgio dos cidadãos nos seus territórios particulares. A esses sub-cidadãos consumidores só lhes resta se submeterem às leis do mercado. A hegemonia da vida privada regida pelos padrões do individualismo é o advento da moral do interesse privado e, em um plano secundário, o significado do interesse público. Trata-se de um encolhimento do espaço público e do alargamento do privado, uma submissão da política aos procedimentos da sociedade do consumo e do espetáculo, que ditada pela ideologia da competência, reduz a política a uma questão técnica (NOVAES, 2007). Enfim, revisitar Hannah Arendt é garantia de reflexão crítica sobre a necessidade de uma ação política associada a um pensar e um julgar discricionário. A falta desses últimos dá o tom da pobreza cultural e das distorções dos valores do mundo em que vivemos.

#### **4.2. Sociedade e Cultura de Consumo**

A contribuição de cientistas sociais complementa as reflexões de Adorno/Horkheimer e Hannah Arendt, explorando novos aspectos para a compreensão da sociedade que se conforma, sobretudo, a partir dos anos sessenta do século XX. As múltiplas nomeações que ela toma já nos dá a dimensão do esforço requerido para analisá-la. São algumas delas: a sociedade de consumo pós-industrial, a sociedade da mídia e do espetáculo, a sociedade globalizada, a sociedade multinacional.<sup>11</sup>

Um ponto importante é a identificação de uma individualização sem limites expressa na ideia de o que está errado nas nossas vidas provém dos nossos erros. Os ideólogos do fundamentalismo do mercado têm esta premissa como uma de suas mais importantes: indivíduos e sociedades são as próprias vítimas de suas escolhas erradas, de suas opções incompetentes (HAYEK, 1983 [1934]). Um outro ponto é a falsa noção de liberdade. Os membros são embalados pela ideia da liberdade ligada à livre escolha: uma liberdade sem precedentes para escolher mais do mesmo (ZIZEK, 2006). O “*Homo*

---

<sup>11</sup> Muitos são os autores que exploraram as inúmeras facetas da sociedade de consumo. Alguns são clássicos como Christopher Lasch- *A Cultura do Narcisismo*, 1979, Guy Débord - *La Societé du Spectacle*, 1967 e Jean Baudrillard- *La Societé de Consommation*, 1970. Além destes, destacam-se os trabalhos de Pierre Bourdieu, Gilles Lipovestch, e Zygmunt Bauman.

*Eligens*” de Bauman é uma irônica caricatura do legendário *Homem Econômico Racional* da teoria econômica ortodoxa (BAUMAN, 2007).

Um segundo ponto interessante a destacar é o medo à inadequação e a tentativa de superação do medo pelo ato de consumir. Vivemos sob a égide de uma cultura consumista que se define pela sua síndrome: *um desejo crescente e insaciado de consumo numa velocidade que é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento* (como nos diz, Milan Kundera). No limite todos são estimulados a gastar com objetos sem sentido para evitar o horror de se sentir inadequado (BAUMAN, 2007). O ato de comprar transforma-se em ritual de exorcismo, exercício dos demônios interiores, e na tentativa de dominar a insegurança provocada pelo desamparo, condição filosófica do homem moderno, identificada por Freud (FREUD, 1997, [1929]) como a causa do mal estar nas nossas sociedades, e que se encontra repaginada na voz de psicanalistas críticos contemporâneos. É o assunto que veremos a seguir.

#### **4.3. Psicologia e psicopatologia**

Em termos sociais, os comportamentos consumistas, alimentados pelo individualismo e pela concorrência, apostam na valorização do aparente, da imagem e do simulacro. A contrapartida nas subjetividades contemporâneas é a dilaceração do psiquismo na tentativa de atender a esta lógica. Para Joel Birman, o autocentramento desses indivíduos egóicos (mônadas isoladas) se expressa em um narcisismo e uma teatralidade sem limites (uma estetização vazia da existência). As máscaras são os veículos em que os atores se inserem como personagens na cena social. Segundo suas palavras : “Não se pode mais opor o original à cópia, pois o simulacro perpassa a totalidade do tecido social, constituindo uma nova concepção de realidade e do que é real.” Como o horizonte Intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido de trocas inter-humanas o que se observa nos terrenos mais recônditos dos indivíduos são as depressões, as síndromes do pânico e as toxicomanias.<sup>12</sup> Estas doenças psíquicas podem ter origens genéticas, pessoais, mas a literatura crítica psicanalítica adiciona um elemento explosivo: o “fracasso” do indivíduo na realização do que é esperado pela sociedade mediante as quais *as personas* se inscrevem e desfilam no cenário social. A cultura da imagem é apenas a face externa do individualismo exacerbado: a glorificação do eu e a

---

<sup>12</sup> Sobre a depressão na atualidade, consultar Andrew Salomon, *O Demônio do Meio-dia: uma anatomia da depressão*, 2001.

estetização da própria existência. Isto tem significado um crescente consumo de drogas para conter as angústias na tentativa de capacitar o indivíduo para as mazelas do narcisismo, as mirabolâncias do espetáculo e da concorrência. A saída pelas drogas é mais uma prova que não existe lugar nem para depressivos nem para panicados, os recalitrantes trágicos modernos. A este fenômeno, Joel Birman nomeou de “psicopatologia da pós-modernidade” (BIRMAN, 2000,2012).

#### **4.4. Arte e artefato pós-moderno.**

Segundo David Harvey, Fredric Jameson, Perry Anderson e Terry Eagleton, o pós-modernismo é uma teoria que surge da própria estética, a partir da década de sessenta do século XX e que, na década de oitenta, se expressou na vulgaridade cultural de excessos e de consumo. Ela traduz a correlação de novas formas culturais com uma nova forma econômica e social e a ela se atribui uma teoria: a pós-modernidade. O que se observa é uma invasão da lógica do mercado à cultura e uma cultura que é consumida na vida cotidiana, nas compras, na produção para o mercado, no consumo dos produtos mercadológicos, nas atividades profissionais, no lazer televisivo, enfim nos ângulos mais secretos do cotidiano. Podemos afirmar com Jameson (JAMESON,2006) que a pós-modernidade é a lógica cultural do capitalismo atual.

Para compreender o pós-modernismo nada melhor do que contrapô-lo ao moderno, sua origem e negação. Começamos como uma questão inegociável para o pós-modernismo: sua profunda aversão a todo projeto que busca a emancipação humana universal pela mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento, em uma palavra, o domínio científico da natureza, prometia a libertação das irracionalidades, do mito, da religião, da superstição, do uso arbitrário do poder e do lado sombrio da natureza humana.<sup>13</sup> A decepção frente às promessas do progresso como solução para a felicidade levou-os à negação de qualquer utopia e à rejeição de um projeto unificador, ou de uma metanarrativa. Coerente com esta ideia, o pós-modernismo rompe com o sentido moderno de continuidade e memória histórica e o historiador passa a ter o papel de arqueólogo do passado. Rejeita-se, portanto, leis explicativas que desvelem um sentido para o movimento da história (seja evolucionista ou proveniente do materialismo

---

<sup>13</sup> A tese de Adorno e Horkheimer afirma que o iluminismo estava fadado a voltar-se sobre si mesmo porque por trás da racionalidade iluminista existia uma lógica da dominação e da opressão: a razão instrumental dominando a cultura e a personalidade. A ânsia de dominar a natureza envolve o domínio pelos seres humanos = autodomação.

histórico dialético) e a intenção de descobri-lo a partir do turbilhão da mudança. Ao negar os discursos universais ou totalizantes, ele se volta para a fragmentação, para a heterogeneidade, para a diferença e para a indeterminação como forças libertadoras. Em verdade, como nos afirma Eagleton, *ele nada nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como isto fosse tudo o que existe*. (EAGLETON,2009). Afinal, não há o que transcender, opor-se ao efêmero, ao fragmentário, ao descontínuo e ao caótico, para buscar elementos eternos imutáveis. Duas frases são elucidativas da diferença entre modernos e pós-modernos, sublinhadas por David Harvey. Para o moderno Paul Auster: *“Fizemos de nós aquilo que somos agora e permanecemos o que fomos a partir dos anos”*. Já Andy Warhol sintetiza sua concepção filosófica pós-moderna na emblemática frase: *“Jamais me despedaço, porque nunca fui inteiro”* (HARVEY, 2011).

Para o discurso pós-moderno estamos saindo do pesadelo da modernidade, com sua razão manipuladora e seu fetiche de totalidade para um pluralismo pós-moderno, uma gama de estilos de vida e de jogos de linguagem. O artista moderno era aquele que era capaz de desvelar o universal e o eterno a partir de formas fugidias da beleza de nossos dias.<sup>14</sup> Para Eagleton *“o artefato pós-moderno, é travesso, auto-ironizador e esquizoide. Sua relação com a tradição cultural é de pastiche irreverente. E sua falta de profundidade intencional solapa todas as solenidades metafísicas através de uma estética da sordidez e do choque”* (EAGLETON,2009). Entretanto, o que surpreende e desafia à reflexão é que no seu aparente descompromisso com um projeto que unifique ou com uma utopia, ele abraça impunemente a linguagem da mercadoria e legitima a lógica do mercado.

### ***5.Considerações finais ou o mercado e sua lógica como projeto unificador.***

A explicação pós-moderna descreve uma aparente funcionalidade detectada pela rede de trocas de mercadorias e valores, conectadas na horizontalidade, dominadas pela lógica do rizoma, em que não há raízes nem caules. Entretanto, o que acabamos de tratar, ainda que embrionariamente, recebendo contribuições de áreas do saber social e humano é que a própria conexão está ditada por uma dominação de um sistema de produção e uma lógica de mercado que invade e submete domínios espaciais, políticos, sociais e

---

<sup>14</sup> Proust, Joyce, Manet, Kandisky, Matisse, Picasso, Klee são alguns dos mestres do modernismo. No Brasil, o modernismo estava associado à busca da nossa identidade, como em Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Portinari, para citar alguns.

subjetivos à sua lógica. Ainda há muito que desenvolver sobre este tema, mas a hipótese que o mercado capitalista surge como a grande narrativa e como sujeito da história não é nada descartável. O cerne da questão não está, portanto, em detectar conexões e redes, de grande valia por sinal, mas insuficientes para compreendermos criticamente um sistema e sua lógica que para se reproduzirem necessitam de sujeitos acríticos, precários, instáveis, dóceis, abertos e disponíveis para todas as conexões dos fluxos de mercado e comunicacional. O mundo ocidental se torna num certo sentido, pessimistamente deleuziano.

### ***Referências Bibliográficas***

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. (1985[1944]); *A Indústria Cultural in Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ANDERSON, Perry (1992); *O fim da História: de Hegel a Fukuyama*, RJ: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_ (1999); *As origens da Pós-Modernidade*, RJ: Jorge Zahar Editores

ARENDT, Hannah (1972); *La Crise de la Culture*, Paris: Folio- Essais.

\_\_\_\_\_ (1987); *A Condição Humana*, RJ: Forense Universitária.

BAUMAN, Zygmunt (1998); *O Mal estar da Pós-Modernidade*, RJ: Zahar.

\_\_\_\_\_ (2007); *Vida para o Consumo*, RJ: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_ (2012); *Ensaio sobre o Conceito de Cultura*, RJ: Zahar Editor

BENJAMIN, Walter (2012 [1936]); *Obras Escolhidas*, RJ: Brasiliense.

BIRMAN Joel. (2000); *Mal estar na atualidade*, RJ: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_ (2012); *O sujeito na contemporaneidade*, RJ: Civilização Brasileira.

BAUDRILLARD, Jean (1970); *La Société de Consommation*, Paris: Folio Essais, Denoel

BOURDIEU, Pierre (2013); *A economia das trocas simbólicas*, SP: Perspectiva.

COSTA, Jurandir Freire. (2004); *“O Vestígio e a Aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo”*, Rio de Janeiro: Garamond.

DEBORD, Guy. (2005, [1967]); *A Sociedade do Espetáculo*, Lisboa: Edições Antipáticas.

DUFOUR, D.R. (2005); *A Arte de Reduzir as Cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultra liberal*, RJ: Companhia de Freud.

EAGLETON, Terry (2003); *A Ideia de Cultura*, SP : Fundação Editora da UNESP.

FREUD, Sigmund (1997[1929]) ; *O Mal Estar na Civilização*, RJ : Editora Imago

HAYEK, F.A, (1982 [1937]); ‘‘*Law, Legislation and Liberty* ‘‘(tomos I, II e III), Routledge and Kegan Paul. Em português:Direito, Legislação e Liberdade, SP: Instituto Liberal

\_\_\_\_\_(1983[1960]);‘‘*Os Fundamentos da Liberdade*,’’ Editora Universidade de Brasília.

HARVEY, David (2011); *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*, São Paulo:Edições Loyola.

JAY, Martin (2008), *A Imaginação Dialética: História da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. RJ: Contraponto.

JAMESON, Fredric (2006), *A Virada Cultural: reflexões sobre o pós-moderno*, RJ:Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_(1990) *O Marxismo Tardio: Adorno ou a Persistência da Dialética*, SP:UNESP/ Boitempo Editoria.

LASH, Cristopher (1983[1979]); *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*, RJ: Imago.

LIPOVESTSKY, G.(1983), *L'Ère du Vide : Essays sur l'Individualisme Contemporain*, Paris: Gallimard

\_\_\_\_\_(2004), *O Império do Efêmero*’, São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_(2006), *Le Bonheur Paradoxal: essai sur la société d'hyperconsommation*, Paris : Editions Gallimard

MARTEL, Frédéric, (2012) ‘*Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas*, RJ: Civilização Brasileira.

NOVAIS, Adauto (2007) (org); *O Esquecimento da Política*, Rio de Janeiro:Agir.

SOLOMON, Andrew (2001); *O Demônio do Meio dia: uma anatomia da depressão*, RJ: Objetiva,

ZIZEK, Slavoj (2006); *A visão em Paralaxe*, SP: Boitempo Editorial.

---

---